

# TRAÇOS DA MEMÓRIA POPULAR NOS ESCRITOS DE ADEMAR VIDAL

*Maria Nilza Barbosa Rosa<sup>1</sup>*  
UFPB

## RESUMO

Este trabalho visa à análise de memórias registradas na produção literária do escritor paraibano Ademar Vidal (1897 – 1986), considerando seus escritos evocação de uma época e um modo peculiar de fazer literatura. Parte-se de uma abordagem dessa produção trazendo em relevo dois ensaios publicados no jornal A União em 1921, por tratarem das representações simbólicas das relações raciais e sociais nas primeiras décadas do século XX na Paraíba e também de outros escritos que enfatizam a memória popular. Busca-se analisá-los sob a luz das idéias de Maurice Halbwachs a respeito da memória; não a memória em si, mas a da tradição que é a memória coletiva.

**Palavras-chave:** memória, tradição, representações simbólicas raciais e sociais

A idéia que motivou a elaboração deste trabalho veio sendo nutrida pela possibilidade de conhecer criticamente a literatura, escrita nas primeiras décadas do século XX na Paraíba, sustentada pela suposição de que nela se resguarda a memória histórica popular. Qualquer que seja o pensamento a respeito de tal expressão literária, este abrange o universo do ideário do homem brasileiro, as formas comportamentais e o sistema de crenças e valores.

No caso deste texto nossa intenção é discutir alguns traços da memória popular encontrados nos escritos do autor paraibano Ademar Vidal (1897 – 1986) e levantar algumas questões que consideramos de relevância. Trata-se, portanto, de buscar a contribuição desses escritos, enquanto uma prática de conhecimento, considerando que na sua produção está explícita uma consciência sócio-política e uma identidade social com a cultura regional e a heterogeneidade étnica, que se apresenta de forma idealizada, consistindo no registro da memória do Autor.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira na UFPB.  
nilzasor@yahoo.com.br

Em pesquisas realizadas no interior da Paraíba e também na Capital, Ademar Vidal procurou recolher elementos da cultura popular, principalmente aqueles ligados aos costumes afro-brasileiros, dando ênfase às questões individuais e coletivas em relação aos conflitos, materiais ou não, porém com nítida visão de que as resoluções destes conflitos estariam nos recursos proporcionados pela própria cultura.

É variada sua produção literária envolvendo artigos, ensaios, obras, crônicas, poemas, não se podendo dizer que se tenha avultado em toda ela, também a glória como escritor paraibano não chegou a conquistar. Se não prosperou no autor a experiência universalista, o que torna a obra contemporânea, de vanguarda portanto, sobressaem o dinamismo cultural e a preocupação com o homem e sua problemática como indivíduo e ser social. Uma coisa parece certa: apesar de ter sido jornalista, historiador, crítico político-social, procurador geral da República, consolidando-se como participante e posteriormente narrador da Revolução de 1930, é atraído ao tema dos costumes populares, *“dando aquilo que se despreza como insignificante, o mais significativo como expressão da mentalidade popular”* (Amaral, 1976, p.4). Entre os traços que se pode observar nos seus escritos está a preocupação com as questões raciais e sociais, principalmente àquelas ligadas ao negro escravo na Paraíba, dentro de uma perspectiva popular de leitura dos acontecimentos que vão desde a representação dos costumes até a questão mestiça do Brasil. O que constitui em fonte significativa para a compreensão dos diferentes tipos de manifestação cultural, social e literária no Nordeste.

Os costumes populares existem tanto de forma institucionalizada como de modo alusivo, fragmentário, disperso na esfera da vida cotidiana, em que cada um se aproveita dos costumes do outro, da maneira de viver e das coisas que os membros de uma sociedade pensam, sentem e fazem, enfim, da situação de vida e de convivência. Os costumes repousam sobre dois pilares, *“o uso em comum e o tempo imemorial”* em que cada momento marca a posição dos costumes distinta no tempo, porém este não tem direção uma vez que a história é uma seqüência de fatos que não se repetem, por isso mesmo é preciso *“invocar a possibilidade da redescoberta, sob novas formas de um tipo de consciência costumeira”*, podendo desencadear o curso da memória (Thompson, 1998, p. 23-4).

A memória apóia-se na manifestação da experiência passada do indivíduo e no de outros. O confronto entre os diferentes indivíduos da memória e os diferentes pontos de vista constitui o próprio conteúdo da

memória, o que concorre para que não haja apenas a localização das lembranças desses sujeitos, mas, também, a prática de ver e observar a realidade presente (Halbwachs, 1990).

A lembrança é uma imagem construída no conjunto de representações que povoam a consciência da pessoa. “*O simples fato de lembrar o passado, no ‘presente’, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e supõe a diferença em termos de pontos de vista*” (Bosi, 1994, p.55). Diferente da concepção bergsoniana de memória como conservação total do passado e possibilidade de sua revivência, pela lembrança, o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990, p.53) destaca a memória como concepção social, em que as relações a serem determinadas não ficarão restritas ao mundo do sujeito individual, mas seguirão as pegadas da realidade interpessoal das instituições sociais, com os grupos de convívio e os grupos de referência inerentes a esse sujeito. Em dizeres de Ecléa Bosi (op.cit.,p.55), lembrar não é reviver, mas reconstruir, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.

Nesse sentido o trabalho da memória vai compondo imagens gravadas sob vários aspectos, como exemplo a tradição oral, o convívio diário, o recolhimento, ao mesmo tempo acrescenta e desfaz tais imagens. O envolvimento da memória na apreensão e na elaboração da realidade abre espaço para uma leitura possível sobre a documentação escrita de Ademar Vidal que nos serviu de referência.

A construção do universo vidaleano revela, em princípio, a reminiscência, que é um dado da memória individual e um exercício de transformação, considerando-se que a memória está sempre trabalhando sobre estimativas e modificando o passado. Dessa maneira, alguns traços característicos da memória histórica popular serão filtrados de modo a não perdermos de vista a sua “integridade estética” e trazidos ao nível da feita para uma interpretação da singularidade da produção “pois certas manifestações da elaboração podem ser melhor compreendidas se forem referidas ao contexto social e ao momento histórico dentro do qual age o escritor” (Candido, 1965, p.32).

No início do século XX a Paraíba possuía dois grupos de intelectuais, malgrado as tendências estéticas em vários pontos divergentes: *Era Nova* e o d’ *A União*. O nome de Ademar Vidal está ligado a estes grupos e também à história política, cultural e literária da Paraíba – apesar da memória histórica não lhe dar importância especial -, tanto que fundou, juntamente com Antenor Navarro, a revista *A Novela* que circulou em 1922

na **Parahyba** hoje João Pessoa, classificada por seus fundadores como a precursora do movimento modernista no Nordeste, colaborando também com a revista *Nova Era* e com o jornal *A União* onde publicou dezenas de crônicas.

O jornal *A União*, mantido pelo governo do Estado da Paraíba, foi e ainda é um veículo relevante de comunicação popular. As questões locais, regionais e internacionais de grande envergadura sempre preencheram suas páginas, passando a ser motivo de leitura, interpretação e crítica por parte daqueles que questionavam o comportamento sócio-político dos indivíduos, das instituições e de processos ideológicos que estavam impregnados na memória das pessoas que formavam o todo de uma nação, ou seja, o povo. Este, em muitos momentos, nem sempre representa o indivíduo, pois somado uns aos outros transcende a totalidade, constituída de reminiscências que acabam não aparecendo no conjunto povo, pois refere-se tão somente a uma representação do real, isto é, a um misto de conhecimento e de interpretação.

A memória e a reminiscência são elementos subjetivos. Como expressa Ademar Vidal, nem sempre é possível observá-los enquanto unidade isolada, fora do sujeito, a não ser através de “atos e atitudes”. A crítica usada pelo Autor compõe um processo dedutivo tendo como referência não apenas lugares-comuns, mas, também, o bom senso, chegando a reunir escritores de renome como Machado de Assis para balizar suas contestações, como veremos mais adiante. Na estruturação do texto vê-se o empenho de Vidal em definir sua posição, ao mesmo tempo em que organiza e codifica suas experiências cotidianas. O deslocamento desta compreensão, mesmo que de forma tácita, direciona a ação pelos princípios culturais populares, devido à tomada de consciência, ideológica é claro, mas intencionando um engajamento político e social no campo da cultura.

O aspecto da vida antropológica e o lado profundamente mestiço do Brasil, levam o autor a acreditar que “não se pode conter a sociedade brasileira em um conceito fechado” e a criação de uma unidade absoluta do Brasil não pode ser aceita, devido aos tipos plurais e sua variação étnica. Esse modo de pensar aparece nítido nos seus escritos, principalmente quando ressalta que “o Brasil é uma Nação extremamente criativa, isso se dá por conta da mistura de raças”.

Diferente dos escritores de sua época, que produziram trabalhos de história social pautados numa postura racista e autoritária, Ademar Vidal distancia-se destes pontos de vista argumentando que “o Brasil é uma Nação

constituída de negros, por isso mesmo não deve ser ignorado no processos de formação cultural brasileira, avultando-se com maior peso que o índio e o português” (A *Chrônica*, 1921). Entretanto eles se identificam no reconhecimento da espinhosa tarefa de estabelecer um modelo nacional, devido à multiplicidade de tipos étnicos regionais, como é o caso do ideólogo do Estado Novo Oliveira Vianna que tinha uma visão colonialista do Brasil.

Em um texto publicado no *Dicionário Histórico Geographico e Ethnographico Brasileiro*, Oliveira Vianna (1922) concebe tipos diversos de registrar e difundir as singularidades de muitos tipos humanos, positivamente reconhecidos, diferenciando-se pela combinação étnica, pelo caráter e pelas habilidades técnicas utilizadas frente às determinações do meio físico. As representações que esses tipos e aspectos promoveram foram incorporados como parte de uma extensão configurada do nacionalismo e dos regionalismos, aquela instituída pelos usos e costumes, isto é, pelas tradições como centro da identidade nacional.

O conjunto de idéias que se presencia tanto no texto de Oliveira Vianna quanto no de Ademar Vidal, assegura um amplo envolvimento de aspectos e tipos humanos regionais, porém Vidal evidencia que os tipos são mesclados, dando ênfase aos negros e mulatos; ambos reconhecem a ancestralidade do brasileiro em uma mistura de índios, negros e brancos. Tal diversidade dos modos de vida e da cultura material desse povo harmonizava-se com a intenção do Estado Novo de valorizar as práticas populares e não apenas a elite letrada. Nesse sentido, no mais real que qualquer outro tipo de projeto era preciso integrar a Nação, dando-lhe um lugar no conjunto das civilizadas terras européias (Schwarz, 1992).

Nas buscas do tempo trazemos em relevo a colocação de Ademar Vidal, quando se refere a uma citação do escritor Machado de Assis com relação ao Carnaval brasileiro em que este pondera: “Nós, brasileiros, desfrutamos os enganos todos dum perene carnaval”. Mais adiante, nesse mesmo texto, Ademar Vidal destaca a participação da personagem Braz Cubas, trazida por Machado de Assis, que assim exclama: “Divirtamo-nos pois! O homem que abandona a idéia estulta a ser sempre triste”.

A partir da compreensão das implicações estéticas e sociais que Machado de Assis ventila, Ademar Vidal estabelece um ataque veemente ao que fora comentado pelo francês Paul Adam em visitas ao Brasil em 1911, que “O Brasil é uma transplantação da raça latina”, alegando que este não tinha razões sinceras para declarar da tribuna de Paris, debruçando-se sobre o

mundo intelectual “que o Brasil era a representação inconfundível do povo triste, descendentes de negros, índios e portugueses”. Nesse jogo de comentários e contestações, Vidal pronuncia que o povo brasileiro não é triste, apontando para uma concepção de alegria a partir do carnaval como modo de vida e cultura populares, que congrega multidões de pessoas distintamente despossuídas de preconceitos estabelecidos por alguns países também de língua latina de dimensões não continentais. A alegria – reforça o Autor – é um bem do povo, por isso tão marcadamente identificada com o povo.

Daí o interesse de Vidal pela questão humanista, cuja alegria, quase que epicurista, está no centro de toda a convivência na formação do povo que se estabelece enquanto nação e, conseqüentemente, nacional. A tríade povo, nação e nacional, aparentemente imputa ao Autor o rótulo de nacionalista, porém a diferença encontra-se numa zona limiar, ou seja, popular, o que lhe permite apreender as particularidades de uma memória popular, não minimizando as concepções e conceitos daqueles que fazem essa memória. Reconhece que a partir do popular o povo aglutina momentos de prazer e de relação com o mundo em torno daquilo que lhe é mais importante para a existência cotidiana: a alegria. Sendo assim, esta contém inegável valor constituindo um mecanismo para as pessoas lidarem com as agruras da vida.

Os critérios que lhe permitiram ressaltar a alegria como questão inerente ao povo, remontam tempos distantes e fazem parte da memória coletiva que se fixa em lugares, como destaca Halbwachs, lugares de memória e de criações imaginárias que uma geração faz. Os assuntos representados por Vidal, extraídos particularmente de lendas que se tornaram populares, além de favorecerem à fantasia do povo, satisfazem às exigências culturais de extratos populares.

Partindo do contexto expresso por Ademar Vidal, parece possível tecermos apreciações que lancem alguma luz sobre os modos de inserção da memória popular nos primeiros anos no século XX na Paraíba. O espaço no qual o autor desenha os elementos da tradição popular nordestina, cumprem papel de destaque os escritos aos quais são incorporados tais elementos, tornando-os presentes como sendo do passado, formando assim a memória imaginada. O modo como ele se alimenta dessa tradição é que faz crescer sua narrativa.

A memória é imaginada através de diferentes representações que são reprodução do real, estabelecidas por diferentes indivíduos e diferentes

espaços. Esse processo de memória tem, em Ademar Vidal, um valor extraordinário posto que envolve uma magia popular, influenciando não apenas na eficácia dos acontecimentos, mas, também, na significação simbólica da construção social. Seja como forma de recriação, seja como ruptura com um dado, ou mesmo a transformação de dados que os sujeitos criam ao intuí-los, o Autor apropria-se dessa essência. Porém a sistematização das imagens, idéias e memórias que formam a base da sua produção, não indica um conjunto de símbolos cristalizados, ao contrário, revela a expressão das criações imaginárias considerando-se o imaginário como formas idealizadas de ação do indivíduo e de grupos como um tipo mítico. Em palavras de Gilberto Freire (1944, p.2):

*Aí está um dos encantos da produção de Ademar Vidal como conjunto (...). O justo é tomar-se a obra como ela é, como se apresenta: uma incursão pelo passado regional em que o folclore, a tradição popular, as próprias lendas são recolhidas, aproveitadas e valorizadas como elementos de informação indireta a respeito do mesmo passado: de sua intimidade psíquica e social.*

O regionalismo foi uma etapa necessária, que fez a literatura focalizar a realidade local, sendo com certeza sua manifestação maior o elemento sertanejo brasileiro (Candido, 2000, p.159). Esta manifestação que compõe a obra de Vidal, configura-o como precursor da “consciência de subdesenvolvimento”, para falar com Antonio Candido: pautado por um senso mais realista das condições de vida, bem como dos problemas dos grupos desprotegidos. Na prática de “recolher, aproveitar e valorizar” os elementos da tradição popular como os usos e costumes afro-brasileiros, que são a tônica do seu trabalho, ele se propusera a desmistificar a realidade entre a representação e seu contexto, e um dos méritos desse escrito está em “*não se detém (r) no registro das exterioridades, mas vai ao estudo daqueles aspectos mais íntimos cujos significados são psicologicamente e sociologicamente importantes*” (Freyre, op. cit., p.2). Por esta via segue o Autor paraibano, trazendo em pauta o significado de um estrutura e disposição social bastante antagônica entre senhor e escravo, como mostra este fragmento extraído do texto *Três séculos de escravidão na Paraíba* (1935, p.12):

*Conta-se que a maldade do major Ursulino para como os escravos chegava ao limite da tirania. Em matéria de crueldade, a nossa história poderia estar recheada de fatos hediondos. O famoso Ursulino deixou notas indelévelis. Ainda alcançamos a lenda (...). Guardamos lembrança viva das visões de medo que encheram a nossa primeira infância. Ursulino ficou ocupando largos espaços nas histórias contadas pelos criados favoritos (...). Sabe-se desses fatos porque vivem na memória dos mais velhos, pois não houve ainda quem os catalogasse.*

“Os criados favoritos” guardavam fielmente aquilo que a sensibilidade de um povo foi acumulando ao longo do tempo. Ademar Vidal sabia bem disso, do mesmo modo sabia que o homem não pode fugir à sua época: “Estamos chegando no fim do caminho (...). Depois de tudo aonde nos encontraremos?” O tempo é um caminhar contínuo, em que o agora não se separa do ontem; o que existe é uma duração que nós dividimos em momentos.

Essa atitude consciente de fragmentação explica todo o estilo do Autor. Para ele, as histórias permanecem na memória como a lembrança de uma experiência pungente, que manifesta um determinado momento da sua vida; momentos que se conhecem, histórias que se contam, sem saber mais onde foram aprendidas: é o conteúdo das lembranças respondendo à pressão coletiva e às solicitações do presente, como diria Halbwachs.

Interessante observar que no Autor está implícita uma exigência para formas de crítica que promovam a contradição de uma sociedade de homens livres e iguais no Brasil. Com um grau variável de realismo e espírito crítico diante das questões sociais, políticas e econômicas, Vidal aponta para o flagelo humano entremeando com registros históricos os seus escritos.

A consciência destes fatos parece integrada ao seu modo de ver e de indagar sobre o passado/presente nordestino, sendo seu material de resistência os anúncios de jornal referente a escravos e outras fontes onde foi colher notas, inclusive a tradição oral nas zonas da várzea e brejo, do sertão e do litoral, “cada qual com seu feito”:

*Nas praias existe mais poesia, o sonho tomando formas imprevistas. Já na zona central, preponderam histórias de bichos, decerto reminiscência africana. No sertão os animais figuram frequen-*

*temente, porém as preocupações na sua quase generalidade são mais de natureza econômica. A água vive num altar de anseios infatáveis. A vizinhança do oceano traz liberdade para os fantasiosos pensamentos esparsos. Daí os pescadores serem ricos de quimeras, inventando histórias. A zona da várzea, da mata ou do brejo com os seus engenhos onde as sobrevivências escravocratas ainda se notam, onde um outrora fechado patriarcalismo não dava margem que não fosse para crias preconceitos. (Lendas e Superstições, 1950, p.19 – 24).*

Na busca pela cultura popular nordestina, onde se representam os anseios, valores e propostas de um povo, Vidal descobre, neste objeto “o outro”, o ponto de convergência de suas reflexões e experiências sociais. Alimenta-se da experiência daqueles que pensam a memória, “a alteridade”, construindo assim sua memória numa base da idealização, tendo como *leit motiv* o negro escravo. Paralelamente, desenvolve uma idealização fundada na prática que tem no discurso político, social e literário sua forma maior de expressão:

*Afinal, açúcar e negro se confundem na evolução social do Nordeste (...). Devemos e não podemos esquecer que sem o negro o Brasil não teria existido. Não teria chegado ao que é na atualidade (...). A participação do negro na Paraíba operou-se em todos os setores, isto é, a escravidão proporcionou-lhes oportunidade para que fossem manifestadas aptidões diversas (O negro e a escravidão, inédito, s/d).*

Ou ainda neste enxerto:

*Aqueles donos de terras, que possuíam grande quantidade de escravos, mostravam-se impacientes e exigentes. Apoderavam-se das negrinhas ainda impúberes e faziam-lhes filhos. Nenhuma consideração tinham pelos amantes das mulheres negras. As conseqüências desse regime de injustiças e de brávia sexualismo não poderiam deixar de ser sangrentas. O “tronco” teve a sua grande ação como determinante de crimes ferozes, que só mesmo o ódio entranhado do fraco pelo mais forte poderia provocá-los num*

*meio de aberta luta de classes* (Três séculos de escravidão na Paraíba, 1935, p.12).

A força teórica dos escritos segue as vias da memória coletiva, resultante de processos coletivos, onde o esforço maior de Ademar Vidal é constituí-los em objeto histórico. No esforço amalgamado às suas experiências, à observação de fatos presentes no dia-a-dia e à apreensão de fatos provenientes da tradição oral, o Autor impõe um movimento que, em palavras de Halbwachs, estabeleceria o conteúdo das lembranças que responde à forma coletiva e às solicitações do momento. Assim, a mesma série de fatos conhecerá transformações ao longo do tempo, sustentando-se numa relação que une a vida às histórias que permanecem como um modo de ser do mundo que já existiu, um dia, como fato, sobrevivendo-se, hoje, como relato. Conforme a concepção dominante no país, era difícil tratar da história social brasileira sem trair a política de ocultamento dos costumes e das lutas dos povos subalternos, daí o esforço de Vidal em transpor estes limites.

A questão dos preconceitos de ordem xenófoba e racial faz parte das preocupações do Autor, Tanto que no texto *Luta de raças* ele destaca que a Primeira Guerra Mundial e também a Revolução Russa deram “vida a problemas sérios, complicados como o das raças, porém, após o término dos conflitos, novos litígios surgem”. A atenção se volta para as primeiras décadas no século XX nos Estados Unidos da América, onde surgira uma movimentação separacionista entre brancos e negros. A crônica<sup>2</sup> em tela traz de forma direta o contexto dos conflitos raciais como processos apartacionistas que denigrem um conjunto de indivíduos não menos integrados na construção da nação norte-americana, realçando assim o fato:

*A América não fica atrás. Anda às voltas com a sua população negra a se multiplicar assombrosamente. Já se cogita até da fundação dum Império ou República – não se sabe ainda! Lá nas quentes imediações da Libéria. Sei bem porque vi a photographia, que o chefe será um preto de talento, e que usa frack, além dos óculos de tartaruga. Os americanos nunca se conformam com essa raça cooperando consigo no engrandecimento de sua pátria. Pensaram em expulsal-a, porém não executaram, e não executarão*

---

<sup>2</sup> A grafia foi conservada na forma usada pelo autor na elaboração do texto.

*nunca essa medida vexatória, porquanto envergonhará sua alta cultura democrática. Mas os negros andam apreensivos (...). Tenderam a crear um Estado onde a cor preta seja a bandeira nacional. Chegaram entre outras faceis cogitações, a meditar numa possível emigração em massa para o Brasil (...). Foi então quando aqui se assustou o Sr. Andrade Bezerra, que resoluto e oportuno, apresentou à Camara Federal um projeto, proibindo, terminantemente, a almejada entrada em nosso território. Abraçaria elle a desigualdade das raças? (A União, 11/09/1921).*

Neste escrito vê-se um tom irônico do Autor quando se refere ao “negro talentoso e de *frack* governando um país de bandeira preta”. Realça em tom crítico e afiado que “a democracia cairá em descrédito, caso estabeleça o processo de apartação dos indivíduos que ajudaram a construir uma pátria”. Denuncia ainda que há uma preocupação exemplar de cidadãos brasileiros que mantêm essa convência ideológica do sentimento de superioridade de uma raça sobre a outra. Paraphraseando Schwarz (1992, p.25), digamos que os escritos de Vidal são historicamente formados, registram de algum modo o processo social a que deve sua existência, sintetizando uma nova interpretação dos fatos como realidades construídas.

Afinal, esta necessidade de registros de momentos, muitas vezes aparentemente insignificantes, são significativos como pontos de referência ou registros de vidas. Como destaca Walter Benjamin (1937,p.53), são os dias da lembrança. Não são assinalados por uma vivência, mas destacam-se do tempo, trazendo à luz do olhar interpretativo a idéia de uma etnia, seu povo e suas memórias culturais.

## REFERÊNCIAS

- VIDAL, Ademar Victor de Menezes. A Chronica. *A União*, 8/7/1921.  
. Luta de raças. *A União*, 11/9/1921.

. Três séculos de escravidão na Paraíba (Trecho apresentado ao 1º Congresso Afro-brasileiro reunido em Recife). *Estudos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora Ariel Ltda, 1935.

. *Lendas e superstições: contos populares brasileiros*. Rio de Janeiro. Editora O Cruzeiro, 1950.

. O negro e a escravidão. Inédito. S/d.

AMARAL, Amadeu. 1976. *Tradições populares*. Com um estudo de Paulo Duarte. 2ª ed. São Paulo: Hucitec.

BENJAMIN, Walter. 1975. Sobre alguns temas em Baudelaire. *Os Pensadores*. São Paulo, Editora Abril.

BOSI, Ecléa. 1994. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

CANDIDO, Antonio 1965.. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

CANDIDO, Antonio. 2000. A revolução de 1930 e a cultura. In *Educação pela noite e outros ensaios*. 3ª ed. São Paulo: Ática.

FREYRE, Gilberto. Prefácio à obra O negro e à escravidão. Recife, 1946 (Mimeo).

HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. Trad. De Laurent Leon Schaffer. São Paulo, Edições Vértice/Editora Revista dos Tribunais.

SCHWARZ, Roberto. 1992. As idéias fora do lugar in *Ao vencedor as batatas*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades.

THOMPSON, Edward P. 1998. *Costumes em comum*. 1ª reimpressão. Trad. Rosana Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras.

VIANNA, F. J. Oliveira. 1922. *O tipo brasileiro in Dicionário histórico, geographico e Etnographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB.